

## NOTA BIBLIOGRÁFICA

Patrick M. Bruun, *The Roman Imperial Coinage, vol. VII, Constantine and Licinius A.D.313-337* (edit. C.H.V. Sutherland e R.A.G. Carson), pp. XXXII+778, est. 24, Spink & Son., London, 1966.

Iniciada a sua publicação em 1923, por H. Mattingly e E.A. Sydenham, *R.I.C.* estava destinada a converter-se, desde o começo, na principal obra de referência de todos os interessados nas moedas romanas imperiais, substituindo a conhecida obra de H. Cohen (*Déscrip. hist. des monnaies frappées sous l'empire romain...*) publicada em Paris, primeiro m 1859-68 e depois, em 2.<sup>a</sup> ed., em 1880-92 (reimpressão Graz, 1956) que, não obstante o seu mérito para a época, pouco mais era que um registo de material. Com o vol. I de *R.I.C.*, baseado em novos critérios de classificação (cronologia e lugar de emissão) e apoiado em uma quantidade de material sem precedentes, aqueles numismatas ingleses ofereciam ao público um *corpus* de dimensão verdadeiramente científica. Os restantes volumes (II, III, IV, V e IX) foram sucessivamente aparecendo, entre 1926 e 1951, os dois últimos devidos a novos colaboradores. O vol. da autoria do Doutor Bruun, o primeiro da colecção publicado sob os presentes co-editores, e, também novidade, devido à colaboração de um autor não inglês, é, portanto, um dos três volumes previstos para o período entre Diocleciano e Valentiniano I. (O vol. VI anuncia-se para dentro de meses e os dois outros volumes que completarão a colecção, os VIII e X, encontram-se em activa preparação).

A julgar pelos seus anteriores trabalhos e pela presente obra, torna-se difícil não concordar com o juízo dos editores, expresso nas breves palavras de apresentação do volume, quanto à excepcional qualificação do A. para tratar o período 313-37. Está-se na presença do mais profundo estudo de todos os da série o qual oferece ao leitor um trabalho de numismática dentro da melhor orientação, o que, por outras palavras, significa que é tanto um trabalho de numismática como de história e um importantíssimo subsídio para todos os futuros investigadores, numismatas e não numismatas, deste quarto de século. Um prefácio de 8 pp. introduz o leitor em alguns dos aspectos

mais gerais acerca do material e orientação seguida no seu estudo e apresentação. Uma introdução geral, de 75 pp., discute sistematicamente os grandes aspectos numismáticos — o sistema monetário, com problemas de particular dificuldade, e questões de organização e administração relativamente aos três metais, em que o período apresenta aspectos originais do maior interesse — e as circunstâncias históricas em que os diversos aspectos monetários (tipos, legendas, pesos, etc.) se inserem. Dois aspectos em relação com a parte da introdução que se ocupa do sistema monetário parecem dignos de referência. O primeiro diz respeito ao tratamento matemático das principais emissões de prata (pp. 35-6), segundo a fórmula analítica teorizada por S. Bolin (*State and currency*, Stockholm, 1958), que o A. diz expressamente adoptar. O segundo é relativo à prudência com que o A. refere os problemas do bronze (pp. 8-13), em face da manifestíssima insuficiência de dados objectivos, acentuando algumas, pelo menos, das possíveis causas de erro nos cálculos hipotéticos que se poderão tentar. As dificuldades envolvidas são de tal natureza que parece mesmo poder perguntar-se se, para uma moeda de tal instabilidade, soluções mais que muito hipotéticas serão algum dia possíveis. Mas as possibilidades de investigação não estão esgotadas e o Doutor Bruun aponta em direcção exacta quando refere a necessidade de análises químicas. O conteúdo do «apêndice I» (pp. 79-85), que tem exactamente por objecto a «composição química de algumas moedas de bronze», merece por isso ser citado, ainda que se não possa deixar de lamentar não ter o A. podido reunir na p. 78 senão resultados relativamente a 16 moedas, 6 resultados mercê de análises da sua própria iniciativa e os restantes colhidos em literatura relativamente antiga. Começa hoje a ser cada vez mais evidente que a tentativa de solução de certas obscuridades que envolvem os sistemas monetários que desde o começo do séc. III se sucedem até ao colapso total da moeda imperial, pelo final do reinado de Galieno, e das posteriores e sucessivas reformas, parciais ou totais, não pode mais dispensar o recurso a um sistemático emprego de processos rigorosos de análise laboratorial, abrangendo todos os metais, o que até agora não foi feito, e por processos que não dêem apenas leituras muito parciais ou de superfície, o que só a partir de 1960 se começou a divulgar, mercê da extensão ao campo da numismática de novas técnicas de análise não destrutiva. Resultados provisórios, inéditos, de investigação em curso, em relação ao período imperial até à reforma do bronze por Diocleciano (294), devidos a análises por activação por neutrões, demonstram que as esperanças que levaram a «comissão de numismática e de métodos de laboratório» do congresso de Paris (cf. *Congrès intern. de Numismatique, Paris 6-11 Juillet 1953, tome II, Actes*, publ. por J. Babelon e J. Lafaurie, Paris,

1957, p. 32) a emitir o voto de que os numismatas apelassem cada vez mais para os laboratórios não eram infundados. Um dos resultados mais surpreendentes desta investigação é o de que mesmo os dados geralmente admitidos para a prata do alto império carecem de correcção; uma das consequências mais imediatas de tais resultados será a de que certas discussões que até aqui se têm baseado exclusivamente, ou quase, em argumentos de peso — sirva de exemplo a polémica acerca do valor relativo do «antoniniano» e do denário, mesmo em literatura recente — não podem mais ignorar a necessidade de uma prévia segura documentação acerca da composição do metal. É evidente que tais resultados não são apenas de primordial importância para ajuizar do valor relativo de diferentes denominações. O «apêndice» já referido ilustra-o magnificamente. Vale a pena salientar que, contrariamente a outras opiniões, os diversos dados invocados, que se não limitam aos das já referidas 16 peças, sugerem que a presença de prata no «*follis*» da época constantiniana não deve ser considerada como mera impureza.

Do inventário das moedas e «medalhões», precedido por uma sintética introdução para cada centro emissor, deve dizer-se que o que o A. reclama como seu primeiro objectivo («apresentar este material classificado propriamente e disposto em ordem cronológica com todo o pormenor necessário para fundamentar o seu arranjo», cf.p. VII) parece ter sido atingido com real sucesso. As diversas possibilidades que a própria natureza do período oferece em si mesma, independentemente de critérios puramente numismáticos, para uma datação dentro de limites mais ou menos estreitos parece terem sido muito criteriosamente explorados pelo A. de *Studies in Constantinian chronology* (Amer. Num. Soc., Num. Notes and Monog., 146, New York, 1961), embora não seja de surpreender que, como é vulgar e natural, futura minuciosa investigação incidindo especificamente sobre material de âmbito cronológico limitado, sobretudo proporcionado por tesouros, possa obrigar a algumas revisões, circunstância de que o Doutor Bruun está perfeitamente consciente. Tal inventário, baseado fundamentalmente não só no material incorporado em J. Maurice (*Num. Constantiniense*, vol. I-III, Paris, 1908-12, hoje com o seu interesse limitado ao material descrito e ilustrado, e O. Voetter (*Die Münzen der römischen Kaiser... Katalog der Sammlung Paul Gerin*, Wien, 1921) mas também no material da maioria das principais colecções públicas de diversos países e de catálogos de vendas, contém todos os elementos fundamentais que seria de exigir, sendo extraordinariamente valorizado pelo detalhe e abundância das notas. Reclama-se haver-se procedido ao registo de todos os especimens conhecidos das moedas de ouro, prata e múltiplos de bronze, enquanto que para a normal denominação e suas fracções meste

último metal se inclui não só uma referência para cada moeda mas também uma indicação da raridade relativa. A omissão de referências à obra de Cohen é perfeitamente justificável. Como seria de esperar, a obra inclui uma bibliografia, seleccionada, e é servida por bons índices. A qualidade das estampas, cujo número impôs um critério bastante selectivo para o bronze, é perfeitamente satisfatória, apresentando o conveniente sistema de numeração. Como nota final talvez não seja inoportuno referir que material oriundo de Espanha e Portugal não parece ter oferecido qualquer contributo para o trabalho do A., o que deixa de ser surpreendente quando se recorda que muito não tem sido registado e outro, regra geral, não tem sido devidamente publicado.

*Dezembro de 1966*

M. DE CASTRO HIPÓLITO

